

Quem são e o que fazem os sociólogos em Portugal?

Madalena Ramos, Luís Capucha, Inês Tavares (organizadores)

QUEM SÃO E O QUE FAZEM OS SOCIÓLOGOS EM PORTUGAL?



LISBOA, 2018

© Madalena Ramos, Luís Capucha, Inês Tavares (organizadores), 2018

Madalena Ramos, Luís Capucha, Inês Tavares (organizadores)
Quem são e o que fazem os sociólogos em Portugal?

Primeira edição: junho de 2018
Tiragem: 200 exemplares

ISBN: 978-989-8536-67-9
Depósito legal:

Composição em caracteres Palatino, corpo 10
Conceção gráfica e composição: Lina Cardoso
Capa: Lina Cardoso
Revisão de texto: Ana Valentim Dias
Impressão e acabamentos: Realbase

Este livro foi objeto de avaliação científica

Reservados todos os direitos para a língua portuguesa,
de acordo com a legislação em vigor, por Editora Mundos Sociais

Editora Mundos Sociais, CIES, ISCTE-IUL, Av. das Forças Armadas, 1649-026 Lisboa
Tel.: (+351) 217 903 238
Fax: (+351) 217 940 074
E-mail: editora.cies@iscte.pt
Site: <http://mundossociais.com>

Este livro resulta de uma parceria entre a APS e a Secção Temática Experiência e Perfis
Profissionais da APS

Índice

Índice de figuras e quadros.....	vii
Prefácio. Trabalhar nas e com as relações	ix
<i>João Teixeira Lopes</i>	
Introdução. A arte de fazer sociologia	1
<i>Luís Capucha, Madalena Ramos e Inês Tavares</i>	
Parte I Análise sociográfica dos diplomados em sociologia	
1 As práticas profissionais dos diplomados em sociologia	7
<i>Madalena Ramos</i>	
Parte II Testemunhos	
2 Um olhar sobre o papel do sociólogo no desenvolvimento local e integrado.....	29
<i>Alexandra Correia</i>	
3 O valor da sociologia fora das suas portas	33
<i>Augusto Santos Silva</i>	
4 Porquê sociologia e que contributos para a sociologia?.....	37
<i>Catarina Reis de Oliveira</i>	
5 Desenvolvimento local em Portugal. Testemunhos de uma prática....	41
<i>Filomena Machado</i>	
6 Uma socióloga na Câmara Municipal de Lisboa	47
<i>Isabel Castela</i>	

7	Um sociólogo no Parlamento	55
	<i>José Soeiro</i>	
8	O sociólogo empreendedor	59
	<i>Pedro Pires</i>	
9	Entre a investigação e as instituições culturais	63
	<i>Rafaela Ganga</i>	
10	Reflexões em torno de um percurso profissional	69
	<i>Rui Banha</i>	
11	O sociólogo militar.....	77
	<i>Rui Eusébio</i>	
12	Ser sociólogo: ontem e hoje. Um testemunho na primeira pessoa.....	81
	<i>Paulo Machado</i>	

Índice de figuras e quadros

Figuras

1.1	Diplomados em sociologia (todos os níveis de formação, (1995/96 a 2014/15).....	8
1.2	Número de diplomados em sociologia por ciclo de estudos (2001/02 a 2014/15).....	8
1.3	Dimensões, variáveis e indicadores em análise	10
1.4	Área de residência	11
1.5	Início da formação.....	11
1.6	Fim da formação.....	12
1.7	Número de anos para a conclusão da licenciatura em sociologia	12
1.8	Estabelecimento de ensino onde foi obtida a licenciatura	13
1.9	Área de formação (outra licenciatura).....	14
1.10	Formação posterior à licenciatura	15
1.11	Número de formações posteriores à licenciatura	15
1.12	Situação atual	16
1.13	Condição perante o trabalho	17
1.14	Tipo de vínculo	17
1.15	Situação na profissão	18
1.16	Tipo de empresa	18
1.17	Setor de atividade.....	19
1.18	Salário líquido mensal atual	20
1.19	Zona do emprego	20
1.20	Número de vezes em situação de desemprego	22
1.21	Satisfação com a atividade profissional.....	23
1.22	Satisfação com o percurso profissional.....	23
1.23	Nível de adequação da formação em sociologia às funções desempenhadas	24
6.1	Evolução dos sociólogos na Câmara Municipal de Lisboa	52

6.2	Distribuição dos sociólogos na Câmara Municipal de Lisboa por serviço	52
6.3	Distribuição dos sociólogos na Câmara Municipal de Lisboa por intervalo etário.....	53
6.4	Distribuição dos sociólogos na Câmara Municipal de Lisboa por antiguidade	53
12.1	O paradigma holístico de Burawoy para o trabalho sociológico	87
12.2	Transformações de volume e de estrutura etária na comunidade dos diplomados em sociologia em Portugal, entre 2001 e 2011	88
12.3	Média anual global de vagas e de candidatos em sociologia, por instituição do ensino superior público, entre 1990 e 2008	89
12.4	Evolução do número de vagas e de candidatos em sociologia (licenciatura), e <i>ratio</i> candidatos/vaga, entre 1990 e 2008	90
12.5	Estrutura por sexo e etária da comunidade dos diplomados em sociologia em Portugal, em 2001 e 2011	91

Prefácio

Trabalhar nas e com as relações

João Teixeira Lopes

Presidente da Associação Portuguesa de Sociologia. Professor catedrático de sociologia na Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Há 19 anos, quando foi publicado o livro *Profissão Sociólogo*, Ana Nunes de Almeida, então presidente da Associação Portuguesa de Sociologia, constatava algumas tendências fortes do campo profissional: diversificação profissional; rejuvenescimento e feminização; aumento da presença de sociólogos fora da academia e crescente precarização (Almeida, 1999). Creio que o diagnóstico atual não é muito diferente, exceto na precarização, na altura emergente e nos nossos dias bem mais intensa.

A presente obra, organizada por Madalena Ramos, Luís Capucha e Inês Tavares, atualiza, com base num questionário recentemente aplicado, o perfil e o estado das práticas profissionais dos sociólogos. Além do mais, um conjunto de prestimosas participações (Alexandra Correia, Augusto Santos Silva, Catarina Reis Oliveira, Filomena Machado, Isabel Castela, José Soeiro, Paulo Machado, Pedro Pires, Rafaela Ganga, Rui Banha e Rui Eusébio) dá conta de como o sociólogo é um *agente plural*, tanto ao nível do coletivo de profissionais, penetrando em numerosos domínios de pensamento e/ou de intervenção, como ao nível individual (a mesma pessoa articula distintos papéis sociais e profissionais), acentuando, precisamente, o cariz relacional do ofício: o sociólogo é aquele ou aquela que observa, analisa, interpreta e transforma uma configuração de relações sociais contextualizadas, ao mesmo tempo que exercita, nesse mesmo afã, um jogo de interações entre reportórios, competências e disposições (Lopes, 2012) entre si e os outros.

De igual modo, ressalta bem visível a perenidade da interseção entre as três componentes identificadas por Firmino da Costa: a sociologia como ciência (construtora de paradigmas, modelos e quadros teóricos e conceptuais de referência); a sociologia como formação e aprendizagem (saberes, competências, programas) e, finalmente, a sociologia como profissão, em contextos cada vez mais diferenciados (Costa, 2004).

A questão da precarização merece uma reflexão particular. Em primeiro lugar, ela é hoje praticada no coração da disciplina, isto é, no campo académico, perpassado por projetos, contratações parciais, colaborações não pagas e (mais ou menos) voluntárias, sem regulação ou proteção. A universidade deixou de ser o campo imaculado de um ofício protegido. Em certa medida, esbatem-se, embora

pelas piores razões, distâncias outrora reificadas por estatutos profissionais assaz diferenciados.

Em segundo lugar, o *habitus* dos mais jovens parece ter integrado esta condição no *ethos* da profissão, sem grande alarde (apesar das sistemáticas tomadas de posição de sindicatos e associações de bolseiros) ou permanente angústia (afinal, há que prosseguir...). Mas esse mesmo processo de incorporação conduz a uma perversa naturalização e universalização da condição precária. Dir-se-ia que o universo profissional é consubstancial a uma perene *instalação na precariedade*.

Ora, importa partir dessa mesma condição para criar novas cumplicidades entre académicos e não académicos: todos partilham, com maior ou menor grau, essa permeabilidade à instabilidade e à institucionalização da intermitência. Novas práticas solidárias podem emergir e a Associação Portuguesa de Sociologia quer estar no coração do *instituinte*. Relembro Burawoy, na sua defesa de uma “sociologia pública de matriz crítica” (Braga e Burawoy, 2009: 65), que nos impele ao companheirismo e à constante redescoberta de que não nascemos sociólogos, tornamo-nos sociólogos, não para “ganhar dinheiro, mas para construir um mundo melhor”, o que significa, insisto, trabalhar *nas* relações e *com* as relações, imaginando e antecipando novas configurações.

Referências bibliográficas

- Almeida, Ana Nunes (1999), “Introdução: sociologia, sociólogos e práticas profissionais”, em Carreiras, Helena, Fátima Freitas, e Isabel Valente, *Profissão Sociólogo*, Oeiras, Celta e Associação Portuguesa de Sociologia.
- Braga, Ruy, e Michael Burawoy (2009), *Por Uma Sociologia Pública*, São Paulo, Alameda.
- Costa, António Firmino da (2004), “Será a sociologia profissionalizável? ”, em Carlos Manuel Gonçalves, Eduardo Rodrigues, e Natália Azevedo (orgs.), *Sociologia no Ensino Superior: Conteúdos, Práticas Pedagógicas e Investigação*, Porto, Departamento de Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, pp. 35-59.
- Lopes, João Teixeira (2012), “Da especificidade da sociologia na transformação do mundo”, em Casa-Nova, Maria José, Ana Benavente, Fernando Diogo, Carlos Estêvão, e João Teixeira Lopes, *Cientistas Sociais e Responsabilidade Social no Mundo Atual*, Vila Nova de Famalicão, Húmus, pp. 25-34.

Introdução

A arte de fazer sociologia

Luís Capucha

Licenciado e doutorado em sociologia pelo ISCTE-IUL, docente no ISCTE-IUL e coordenador da Secção Temática Experiências e Perfis Profissionais da Associação Portuguesa de Sociologia

Madalena Ramos

Licenciada em sociologia pelo ISCTE-IUL e doutorada em educação pela Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, docente no ISCTE-IUL e vice-presidente da Associação Portuguesa de Sociologia

Inês Tavares

Licenciada e doutoranda em sociologia pelo ISCTE-IUL, membro da equipa coordenadora da Secção Temática Experiências e Perfis Profissionais da Associação Portuguesa de Sociologia

A sociologia é uma ciência antiga, mas com uma presença tardia em Portugal. A ditadura não permitiu mais do que a existência de um pequeno núcleo de ensino da sociologia (ou melhor, de uma certa sociologia) em Évora e a organização de um grupo de investigadores pioneiros organizados no Gabinete de Investigação em Sociologia (GIS), atual Instituto de Ciências Sociais (ICS), em torno de Sedas Nunes e da revista *Análise Social*, já no final da sua longa existência inibidora do progresso e do desenvolvimento do país.

Com a liberdade e a democracia, a sociologia emergiu finalmente como uma disciplina académica, ensinada em Lisboa, no ISCTE, pelos fundadores saídos do GIS e por docentes formados em universidades estrangeiras. A ciência cujo nome fora cunhado por Comte em meados do século XIX via, assim, a luz da liberdade com mais de um século de atraso em Portugal.

Daí expandiu-se muito rapidamente para marcar presença hoje em todo o país, do Minho ao Algarve, incluindo a Região Autónoma dos Açores. Existem a funcionar no nosso país cursos de sociologia em dez universidades públicas e uma universidade privada.¹ Ao mesmo tempo que se estendia no território, o ensino da sociologia alargava o seu âmbito, multiplicando-se os cursos de mestrado a partir do início dos anos 90 do século XX, e os cursos de doutoramento logo depois.

Se as primeiras gerações de licenciados em sociologia encontraram no ensino superior um campo de profissionalização com um peso relevante, também delas saíram os pioneiros do trabalho como sociólogos na administração pública e nas autarquias, bem como em empresas dos mais diversos setores (incluindo empresas de estudos e sondagens) e desempenhando os mais diversos papéis profissionais.

Era uma profissão nova e desconhecida para a maioria das pessoas, incluindo os próprios sociólogos, que a foram construindo com base nas ferramentas científicas, metodológicas e de perspetiva que a sociologia lhes proporcionava. A profissão continua a ser jovem, comparando com muitas outras profissões da sua família

1 Existe também dentro do ensino público o caso da Universidade Aberta, em que a licenciatura não é em sociologia mas em ciências sociais, com *minor* em sociologia.

científica, mas é já adulta. Cresceu extraordinariamente em número e na diversidade dos contextos de desempenho e de papéis profissionais.

Paralelamente, estando ainda longe de se tratar de uma profissão familiar para a maioria das pessoas, tornou-se cada vez mais comum e menos estranha. Isso resulta quer da crescente presença de sociólogos no mercado de trabalho, quer da ocupação por muitos deles de posições de grande visibilidade pública, devido ao desempenho de cargos de responsabilidade a nível nacional e internacional e à crescente presença na comunicação social.

Hoje em dia encontramos com frequência sociólogos e sociólogas não apenas no ensino superior, nos cursos de sociologia e em muitos outros, bem como em centros de investigação, mas também no ensino básico e secundário, nas autarquias, em organizações de solidariedade social, em associações, em empresas de estudos e sondagens, em empresas do setor comercial, dos serviços e da indústria transformadora, em organismos públicos, para além da educação, dos setores da saúde, da prevenção de dependências, da segurança, da justiça, do ambiente, de planeamento e ordenamento do território, da consultoria, entre outros.

Desempenham funções como dirigentes, chefias intermédias, técnicos superiores, técnicos executantes e outras, em áreas como a educação, a investigação, os recursos humanos, a gestão de processos produtivos, o planeamento, a avaliação e serviços administrativos, assumindo, repete-se, uma grande diversidade de papéis profissionais.

É certo que com o crescimento perdeu-se alguma coisa no domínio do envolvimento na atividade associativa e na identificação dos sociólogos com a profissão.² Mais do que antes, uma parte dos graduados em sociologia inseriu-se no mercado de trabalho exercendo outras profissões que não a de sociólogos e, também mais do que antes, alguns sociólogos que desempenham funções como sociólogos não se reconhecem como tal, em boa parte por via da presença entre os sociólogos da cultura dissociativa entre ciência e profissão de que falava António Firmino da Costa no 1.º Congresso da Associação Portuguesa de Sociologia, cultura essa presente fora dos centros de produção, formação e divulgação científica, mas também nestes, como é visível na presença mais pálida das questões profissionais em relação às científicas nos últimos congressos dos sociólogos portugueses.

Porém, esse problema está longe de ser dominante. Por isso, a penetração dos sociólogos no mercado de trabalho é uma realidade bastante consolidada e resultante de um conjunto de competências e atributos que fazem parte da identidade e da cultura profissional dos sociólogos. Entre essas competências e atributos contamos, entre outros, como aliás se torna evidente a partir da leitura dos testemunhos que podem ser lidos no presente livro, os seguintes:

2 Saliente-se que se mantém dominante a recusa de lógicas puramente corporativas na organização da profissão, cujas estruturas são de pertença absolutamente voluntária. Evita-se assim a exclusão de profissionais do mercado de trabalho e a adesão compulsiva à organização profissional, a Associação Portuguesa de Sociologia.

- uma atitude capaz de combinar a imaginação, a atitude crítica e inovadora com o compromisso em relação aos objetivos das organizações de trabalho em que se inserem. Em geral, os sociólogos estão no mercado de trabalho e desempenham funções de responsabilidade porque são bons profissionais;
- uma especial capacidade para trabalhar em equipas multidisciplinares, a qual é de resto quase sempre treinada na formação inicial, e que o deve ser cada vez mais;
- um posicionamento nos mais diversos contextos de trabalho que permite aos sociólogos constituir-se como especialistas na mediação entre os diversos agentes num determinado contexto, usando os conhecimentos substantivos acumulados pela ciência, compreender o modo como funcionam as organizações, como se articulam os agentes quer em rede, quer em quadros mais hierarquizados, quais os interesses eventualmente contraditórios que resultam das posições ocupadas pelos diversos agentes no campo em que se exerce a profissão;
- uma particular competência teórica e metodológica para conhecer realidades sociais complexas, identificar problemas, propor soluções, planejar intervenções e avaliar resultados;
- uma grande flexibilidade e adaptabilidade a contextos em mudança, uma vez que possui diferentes atributos que lhe permitem ajustar-se a diversos papéis.

Parece ser possível preservar este património profissional, mas também melhorá-lo e desenvolvê-lo em alguns aspetos. Referiremos aqui três que nos parecem determinantes: i) é necessário vencer barreiras e obstáculos resultantes do desconhecimento por parte de um segmento dos empregadores a respeito da utilidade do contributo reflexivo da sociologia, mas também aquelas que são colocadas por outras profissões que se têm dedicado a uma ação marcada pela tentativa de fechar o mercado e monopolizar as oportunidades, limitando assim as vantagens da cooperação interdisciplinar; ii) é preciso vencer preconceitos dentro do próprio campo da sociologia, que levam à desvalorização das funções e papéis profissionais que fogem ao padrão comum do trabalho na academia e nas empresas e departamentos de estudos e planeamento; iii) o que implica, em terceiro lugar, trabalhar no seio da Associação Portuguesa de Sociologia (APS) para que se preste maior atenção à sociologia como profissão. Esta dimensão da sociologia não pode ser tratada apenas como mais uma secção específica ou temática. A profissão terá de ser considerada um pilar de valor idêntico à ciência no seu conjunto, o que tem consequências no tipo de atividades que se organizam e na afetação de recursos. Este livro visa precisamente contribuir para este desígnio.

Visa-se, na verdade, retomar o debate em torno das questões da sociologia enquanto profissão. Curiosamente, um debate que não cresceu ao mesmo tempo que crescia o número de profissionais. Pelo contrário, esse debate parece ter perdido espaço nos últimos 15 anos, período em que perdeu muita visibilidade, inclusivamente dentro das iniciativas oficiais da própria APS, se excetuarmos a organização de mesas muito pouco frequentadas por ocasião dos congressos.

Pretende-se, pois, com esta publicação estimular a retoma desse debate, num contexto que mudou tanto no plano da própria ciência, como no plano das condições sociais em que a profissão é exercida e do modo como a sociologia tem de encarar velhos e novos problemas sociais que permanentemente nos desafiam. É necessário voltar seriamente a colocar o tema no topo das nossas preocupações, de modo a que a partilha de experiências e de ideias permita melhorar o desempenho dos sociólogos no mercado de trabalho e a imagem da sociologia na sociedade.

A obra que agora se edita por iniciativa da Secção Temática Experiências e Perfis Profissionais da APS segue-se a outros dois livros que marcaram um período alto da organização da sociologia como profissão em Portugal: *Experiências e Papéis Profissionais de Sociólogos* (Associação Portuguesa de Sociologia — Secção do Campo Profissional), que teve a primeira edição em 1990 e a segunda em 1995, e *Profissão Sociólogo*, editado por Helena Carreiras, Fátima Freitas e Isabel Valente (Celta Editora), em 1999. Livros estes produzidos num período em que se multiplicavam encontros e eventos relativos à sociologia como prática profissional, quer no seu conjunto, quer em algumas áreas específicas.

Do presente livro consta uma análise sociográfica detalhada dos sociólogos em Portugal, realizada por Madalena Ramos a partir de um inquérito realizado pela direção da APS em 2013, seguida de 10 testemunhos de sociólogos inseridos em espaços de profissionalização tão diversos como associações de desenvolvimento local (Alexandra Correia) ou de desenvolvimento integrado (Filomena Machado), cargos de governação (Augusto Santos Silva) e políticos (José Soeiro), observatórios (Catarina Reis Oliveira), administração pública (Isabel Castela e Rui Banha), empreendedorismo (Pedro Pires), consultoria (Rafaela Ganga) e forças de segurança (Rui Eusébio). Poderiam, sem dúvida, ser muitos mais os testemunhos e as áreas abrangidas. Mas o essencial é que se possa visitar a arte de ser sociólogo em Portugal, quase vinte anos depois da última das referidas obras. O livro inclui ainda um texto final de “balanço” produzido por Paulo Machado.

Vale sempre a pena lembrar que a nossa disciplina nasceu com uma ambição clara: contribuir com o conhecimento e a reflexão para uma abordagem mais justa e mais ajustada à resolução dos problemas enfrentados pelas sociedades. Procura-se conhecer melhor a realidade, mas também contribuir para a capacidade reflexiva que caracteriza tanto os sistemas, como a agência social e ainda ajudar a transformar a realidade que se estuda. O que não se faz apenas pela transferência de conhecimento da academia para a sociedade, nem com a divulgação científica, mas também, e talvez principalmente, através da presença dos sociólogos em todos os campos em que se joga o nosso futuro coletivo, como profissionais capazes, isto é, críticos, competentes e úteis.